



## ST: SERTÕES CONTEMPORÂNEOS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO SÉCULO XXI

Coordenadoras:  
Franciely de Lucena Medeiros  
Maria Joedna Rodrigues Marques

Entendemos, que os sertões são inúmeros, secos, verdes, calmos e modernos, contrariando, assim, a noção que os definia como distantes da contemporaneidade. Os sertões estão presentes na literatura, cinema, imprensa, novelas, mídias digitais, instituições, nos discursos intelectuais e políticos, de muitos que se voluntariam a escrever/descrever os sertões. Os usos dessas narrativas fomentam o arquivo (FOUCAULT, 2008), constantemente atualizado e reforçado, sendo possível compreender as inserções de terceiros, os conflitos com outras experiências e espacialidades. Enunciamos assim, a pluralidade do que é dito sertão (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014), pois suas características não se resumem ao oposto da modernidade, enunciar os sertões contemporâneos é um ato político, pois ele parte da premissa que contrariamos o que já foi dito/escrito/visto a seu respeito. Buscamos sob esta ótica, acolher trabalhos que propõem leituras contemporâneas sobre os sertões, a partir das mais diversas possibilidades de investigação. Sejam narrativas literárias, mídias digitais, fotografias, cinema, instituições, produções audiovisuais, entre outros tipos de suportes ou dispositivos que estabelecem definições, compreensões e discursos sobre os sertões.

### “O SERTÃO ESTÁ EM TODA A PARTE”: ANÁLISES DOS SERTÕES “CONTEMPORÂNEOS” NA MODA BRASILEIRA

João Vieira Neto

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

E-mail: [jvieiran00@gmail.com](mailto:jvieiran00@gmail.com)

**RESUMO:** Discute a contemporaneidade dos sertões nordestinos através de diferentes produções de moda brasileira, a partir das coleções, *A C&A de Juliette*, e, *Sertão Encantado*, ambas produzidas pela loja de *fast fashion* C&A. A contemporaneidade destes sertões, abrange diferentes forma de ver o espaço sertanejo, entre visualidades estereotipadas, e releituras estéticas. Para tanto, se operacionaliza uma discussão teórico-metodológica, costurada a fontes hemerográficas, fotografias, e recursos audiovisuais, os quais possibilitam o processo de *historicização* dos sertões contemporâneos na Moda. Bem como, o estudo se alicerça em autores como, Giorgio Agamben (2009), Diana Crane (2011), Albuquerque Júnior (2014), realizando assim o diálogo conceitual acerca da contemporaneidade, dos sertões e da Moda.  
**Palavras-chave:** C&A; Juliette; Moda nacional; Sertões contemporâneos.



## TRAÇANDO UMA INTRODUÇÃO

O título deste trabalho não foi elencado meramente pelo seu apelo estético provocado em quem o escreve; foi escolhido entre inúmeras frases de efeito do clássico de João Guimarães Rosa, por evocar a compreensão fulcral deste estudo: “o sertão está em toda a parte” (1994, p. 58). A onipresença dos sertões, então extrapola os “rincões” do Brasil, os interiores do Nordeste – diga-se a própria obra então discutida, que foi desenhada à luz de sertões mineiros -, logo, ao estar por toda parte, se admite aqui, que está em discursos políticos referentes às obras contra as secas; investimentos públicos para a implementação de energia elétrica, como estratégia política em transformar os sertões - neste caso, os nordestinos - em mecanismo de disputas de poder.

Ao estar em toda parte, se elencam, e se reivindicam a emergência dos sertões para além dos discursos “oficiais”, de atas políticas, de termos técnicos da engenharia, da arquitetura e da economia. Neste caso, se evocam as representações dos sertões, as produções realizadas por agentes históricos, sobretudo na cultura brasileira, sobretudo na moda brasileira e as “múltiplas” manifestações estéticas - e sobretudo visuais – sobre estes espaços. Para tanto, foram elencadas, duas coleções de moda, que, nas suas gramáticas visuais, se apropriaram em determinados momentos, dos sertões - em todas, ou pelo menos, muitas de suas partes – na composição imagética dos símbolos e cores para a costura destas representações dos sertões na moda.

Assim, a partir das coleções *A C&A de Juliette* e *Sertão Encantado*, ambas produzidas pela marca de *fast fashion*<sup>71</sup>, C&A<sup>72</sup>, se identificou a presença e a recorrência de diferentes representações dos sertões entre suas produções, logo, entre a moda brasileira. Através destas coleções, se operacionalizar-se-á a discussão em acerca da contemporaneidade dos sertões nordestinos, tomando como possibilidade de análise, as suas representações na moda brasileira.

---

<sup>71</sup> Julia Isoppo Picoli (2009) entende o fast fashion, como sistema de produção inserido no sistema da moda com curta duração das suas peças e coleções, com menor qualidade das roupas, logo, é assim um mercado marcado pelo rápido descarte das roupas, bem como, a incorporação também rápida de valores estéticos na composição de coleções de vestuário. Assim, movimentam uma cadeia considerável na moda, em lojas especializadas neste segmento, como é o caso da C&A.

<sup>72</sup> Segundo o site da marca, a C&A é uma empresa originalmente holandesa, fundada ainda no século XIX- 1841- por dois irmãos, Clemens e August, a marca conta com 1,8 mil lojas em 24 países do mundo, chegando no Brasil somente em 1976 inicialmente em São Paulo no Shopping Ibirapuera. Até o momento de escrita deste trabalho, as informações sobre a história da C&A são escassas, em virtude desta ausência, somente esse breve informativo foi usado para historicizar a marca.



Entre estas representações, portanto, identificou-se, a luz das análises fotográficas dos *looks*, que diferentes compreensões de sertão foram concebidas, evidenciando indiretamente a pluralidade deste espaço, na região Nordeste.

A *C&A de Juliette*, foi costurada com peças que evidenciavam uma *sertanidade* ancorada nos signos estereotipados, com camisetas estampadas com cactos, sóis rachados, sanfonas e chapéus de cangaceiro. Por meio destas simbologias, foi evocada uma visualidade marcada por um sertão árido e cangaceiro, uma visualidade que produz significados problemáticos à contemporaneidade que a coleção foi produzida e que este estudo é realizado. Por problemática, se elenca a recorrência e permanência em apresentar os sertões nordestinos por ideais de violência, criminalidade, escassez de água, de sonoridade única.

Assim, se questiona a contemporaneidade desta produção: inicialmente pelo período em que foi produzida, visto que os sertões nordestinos, ao longo de suas muitas histórias, foram contemporâneos; em consonância, questiona-se a contemporaneidade – ou a ausência desta – dos signos, dos símbolos, dos elementos visuais, das cores, das texturas, para se apresentar uma produção que carregue consigo, temáticas referentes a um espaço que nos moldes representados, hoje, não mais correspondem à estes padrões.

Em paralelo à coleção de Juliette, a qual aqui é dotada de elementos visuais, estereotipados, ancorados na aridez que os escritores regionalistas, da geração de 1930 “inventaram”, a produzida pela artista plástica Julia Nogueira, em parceria com a C&A evoca uma *sertanidade* marcada por uma inspiração nos sertões alagoanos, sertões molhados, que produzem uma visualidade oposta à terra rachada, com outras cores, outras estéticas.

Portanto, ao se pensar sobre representações dos sertões na moda brasileira<sup>73</sup>, as coleções de Juliette e de Julia Nogueira, não são consideradas as pioneiras, tampouco serão as últimas, haja vista o constante interesse de estilistas brasileiros, em se apropriarem dos sertões

---

<sup>73</sup> Por moda brasileira, se entende um sistema cultural, marcado por representações sobretudo visuais, que se baseiam e basearam em influências estéticas do próprio país. A moda brasileira, em suas particularidades, é histórica, visto que é dotada de historicidade, ao ser marcada por um início, por um nascimento: a década de 1960; é particular, em virtude das inspirações de costureiros e empresários, que ao reivindicarem uma identidade nacional, e um fortalecimento industrial, encontraram na moda, uma possibilidade de promoção de tecidos. Assim, se admite aqui, que este sistema, no caso do Brasil, busca em seus signos, de nacionalidade e de identidade, mecanismos para legitimar essa produção, mecanismos para afirmar uma identidade nacional, onde os sertões nordestinos, encontram-se no cerne desta identidade.



nordestinos, e assim, os estereotipá-los de múltiplas formas<sup>74</sup>; seja por sujeitos nordestinos, sertanejos, ou estrangeiros que para contarem suas histórias, valeram e valem-se dos sertões nordestinos.

Aqui, não será realizada uma História dos Sertões pela moda<sup>75</sup>, tendo em vista que, ao longo da invenção da moda nacional, a temática do sertão, foi recorrente desde os anos 1960, pelas análises realizadas durante a trajetória acadêmica de quem escreve este estudo, em 16 diferentes momentos ao longo da história da moda brasileira. Entretanto, aqui, as análises voltar-se-ão para aquelas que são elucidadas enquanto contemporâneas; ainda assim, se faz necessária, uma mínima *historicização* destes sertões nas tramas da moda brasileira, com o objetivo de apresentar suas mais remotas, e as mais próximas ao período que este trabalho é realizado.

Pelo mapeamento de fontes, que indiretamente se transformou em um banco de dados, e subsidia em parte, a pesquisa aqui realizada, a primeira representação do sertão na moda nacional, esteve presente na coleção *Brazilian Look*, produzida pela empresa Rhodia Têxtil, em 1963 (figura 01).

Esta representação, compreendida aqui como primeira, está presente no conjunto de *tailleur* desenhado pelo costureiro carioca João Miranda, e estampado pelo artista plástico cearense Aldemir Martins<sup>76</sup>, onde por meio desta peça de roupa, as estampas de pequenos

---

<sup>74</sup> Até o momento em que este estudo é realizado, outras duas coleções que se inspiraram nos sertões nordestinos, foram apresentadas ao Brasil, desfiladas na 56ª edição do São Paulo Fashion Week, as coleções *O sertão vai virar mar*, da estilista, Helô Rocha, e *Paixão segundo Catulo*, da marca baiana, Santa Resistência. Percebe-se assim, a recorrência, presença e permanência da temática dos sertões entre passarelas e produções de moda, na contemporaneidade, com elementos nada contemporâneos, como um arquivo, de imagens, sons e discursos, “inesgotável”, ou talvez únicos, unitários, para “representar” estes espaços.

<sup>75</sup> Ao longo da trajetória acadêmica da autoria deste estudo, a temática dos sertões nas malhas da moda, muito interessaram a quem tece esta trama; em virtude dos mecanismos de poder, de apropriação e representação de sujeitos estranhos aos sertões, mas que destes espaços, tomavam “suas visualidades”. Logo, no alinhavar das pesquisas, que culminaram na dissertação de mestrado que se encontra sendo costurada, algumas produções e coleções de moda foram elencadas para *historicizar* os sertões na moda brasileira, desde a sua invenção nos anos 1960, perpassando as décadas de 2000, 2010 e 2020, atentando-se para as representações, estereótipos e desatualizações estéticas para com os sertões em transformações. Assim, face às múltiplas representações e coleções, algumas foram selecionadas, em detrimento de outras, em virtude da disponibilidade das fontes para as análises históricas empenhadas no processo de escrita da dissertação.

<sup>76</sup> Através das análises das fontes, a presença de Aldemir Martins no processo de criação da moda nacional a partir dos estampados e tecidos da Rhodia, serviu para assinalar uma presença, um lugar, para o Nordeste, tomando como base, os seus sertões; ao representar com motivos de sujeitos históricos como os cangaceiros, e elementos da fauna e da flora, como galinhas e cactos, o cearense compunha um arquivo de imagens para o sertão, calcado em signos que representaram/representam parte considerável de nordestinos e sertanejos que se identificam com estes. Em



cangaceiros, assinalavam um lugar para os sertões na moda brasileira. O editorial da coleção, desfilada e fotografada em países da Europa e da Ásia, promovido pela revista *Manchete*, destaca os estampados brasileiros como essencialmente brasileiros, o que lhes confere projeção internacional, por representarem elementos nacionais: neste caso, o cangaço, e a fruta-pão, presente no vestido amarelo.

Figura 01: Brazilian Look



Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=%22brazilian%20look%22&pagfis=52391>. Acesso em 30 de nov de 2023 às 09:00.

Pulverizados nas passarelas criadas pela Rhodia, como mecanismo de publicidade, as roupas que tinham nos sertões nordestinos, suas identidades, carregavam consigo símbolos que hoje são considerados estereótipos<sup>77</sup> destes espaços, representados por cangaceiros, por cactos. Sobre estes elementos considerados estereotipados, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2009) compreende que podem também ser entendidos enquanto mecanismos de poder, para a

---

consonância, são signos de fácil compreensão para um país de maioria analfabeta nos anos 1960, e que, estes signos, facilmente comunicavam pelo apelo visual.

<sup>77</sup> Por estereótipos nordestinos, se assume na escrita deste estudo, como uma definição: “[...] grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 30).



manutenção dos sertões nordestinos, na permanência destes espaços no passado ruralista, e sobretudo a desatualização dos sertões em relação ao tempo em que são representados.

A constante desatualização, da moda para com os sertões, é percebida na série de representações destes sertões nas tramas da moda nacional, ao longo de sua história. Pelas análises das coleções que subsidia(ra)m o estudo a ser realizado, se identifica entre a gramática visual, a recorrência e permanência do universo do cangaço entre as produções. Logo, estilistas brasileiros – nordestinos ou não –, se basearam essencialmente nas estéticas de Lampião e Maria Bonita para significarem os sertões (figura 02).

Figura 02: Sertões Cangaceiros – Santa Resistência



Disponível em:

<https://ffw.uol.com.br/desfiles/moda/verao-24/santa-resistencia/santa-resistencia-4/?i=13>. Acesso em Acesso em 30 de nov de 2023 às 10:00.

Na representação acima, a modelo desfilou na passarela do São Paulo Fashion Week, sentidos e significados acerca dos sertões nordestinos através de roupas, da moda; sendo a moda um sistema cultural, onde o império do novo, reina, não seria estranho pensar que ao retratar os



interiores do Nordeste, estes agentes da cultura, buscassem inspirações em referenciais estéticos antigos. Em consonância, esta perpetuação do cangaço com o símbolo do Nordeste, apontam para uma unidade no conceito de identidade nordestina, baseada essencialmente nos bandidos que viveram entre os sertões durante os anos 1930-40.

### **SERTÕES “OUTROS”, SERTÕES “CONTEMPORÂNEOS”**

Ainda na contemporaneidade, os sertões apresentados entre passarelas de moda, são sertões arcaicos, que não contemplam a contemporaneidade: seja pelas influências estéticas, pelos materiais, e a predominância do couro, pelos elementos simbólicos: chapéus, arabescos, recortes das roupas, o cangaço ecoa, no imaginário popular, como sinônimo de sertão. No caso da moda, onde as roupas produzem identidades: de gênero, de classe, no caso das produções que se baseiam no cangaço, (re)produzem identidades regionais, onde os elementos de suas indumentárias foram apropriados, apontando para um espaço. No caso das representações sobre os sertões tomando como base o cangaço, este estudo se aproxima das compreensões de Albuquerque Júnior ao teorizar sobre os temas regionais, onde o cangaço estaria no cerne das produções culturais acerca do Nordeste e dos seus sertões, produzindo sons, imagens e sobretudo, estereótipos.

Estes estereótipos, são como imagens sobreviventes, que ressoam na contemporaneidade, como nas imagens anteriores, mas em parte, no objeto principal desta análise. Por contemporâneo, aqui se apropria das concepções de Giorgio Agamben (2009), o qual concebe o contemporâneo enquanto uma relação do tempo consigo mesmo: ao passo que pertence, também se distancia deste. Assim, para o filósofo italiano, a moda seria a materialização do contemporâneo, em virtude da sua constante atualização e desatualização de si mesma: O tempo da moda está constitutivamente adiantado a si mesmo e, exatamente por isso, também sempre atrasado, tem sempre a forma de um limiar inapreensível entre um “ainda não” e um “não mais” (p. 67).

Neste sentido, ao trabalhar as coleções aqui analisadas, a contemporaneidade é definida inicialmente pela aproximação temporal, visto que, ambas foram produzidas em um recorte temporal, próximo à escritura deste trabalho – são coleções datadas do biênio anterior a este: a de Juliette, em 2021, a da S.E.R.Tão, em 2022. É ainda relacionada por se tratarem de coleções



de moda; mas também ao se trabalhar com coleções de moda que se inspiraram nos sertões, operacionaliza-se a contemporaneidade também destes espaços.

Ao contrário do que o imaginário nacional assume como o que corresponde aos sertões do Nordeste, como espaços inóspitos, atrasados, portanto, desconectados, autores como Albuquerque Júnior (2014) e Gislene Moreira (2018), se dedicaram a reinterpretar, reconfigurar as concepções vigentes e dominantes sobre os sertões nordestinos. Através das leituras destes estudos, identifica-se o compasso dos interiores do Nordeste em relação aos outros territórios, ou aos territórios litorâneos - tomando como base, a dicotomia litoral e sertão, por exemplo. Por meio destes se assume que os sertões reivindicam a contemporaneidade para si, não mais são sertões secos ou áridos, marcados por signos estereotipados, são, portanto, sertões conectados, que consomem tendências de moda, são objetos de inspiração e apropriação de estilistas e marcas de roupas.

Logo, as coleções da C&A, podem ser consideradas enquanto contemporâneas? Se sim, contemporâneas a quem e a qual tempo? Quais os recursos visuais que aproximam e distanciam estas produções de concepções marcadas como sertanejas, e que outros sertões, para além dos áridos são possíveis para expressar uma *sertanidade*. Estas problemáticas buscarão ser respondidas à luz das exposições das coleções, suas produções de sentidos e significados.

#### **“NÃO SOLTO MEU NORDESTE NEM A PAU!”: A C&A DE JULIETTE**

Nesta análise, importa a compreensão do tempo, como produtor de aproximações e alteridades acerca dos sertões e da moda; ambos dotados de temporalidades próprias: aquele pelo passado, esta pelo contemporâneo; moda e sertão se costuram em tramas próximas. Neste caso, tratar dos sertões do Nordeste, implica entender a sua ordem temporal, difundida no imaginário nacional como marcada pelo atraso, em um descompasso do tempo de outros espaços, como o litoral. Entretanto, como apresentado anteriormente, assume-se hoje que estes espaços são contemporâneos, logo, não somente consomem artigos de moda, como são por ela apropriados, transformados em roupa, em mensagem, em sentidos e significados. A coleção de Juliette para a C&A é um exemplo dos processos contemporâneos de apropriação do espaço sertanejo.



Juliette emergiu na mídia nacional, durante a sua participação na 21ª edição do Big Brother Brasil, se consagrando como a vencedora da temporada, somando milhões de votos, em sua maioria, de nordestinos, que se identificaram com os discursos e narrativas elucidados pelo reality. Juliette contava com o apoio de uma profusão de cactos, com uma equipe de marketing bem equipada, que lhe conferia destaque por se ancorar em uma gramática visual sertaneja, e assim legitimar suas muitas histórias, de luta, de adversidades, de ascensão social a partir dos estudos, sua história de vida se assemelha com narrativas cristalizadas acerca dos nordestinos que em virtude das asperezas da vida, encontraram aos seus modos, o seu lugar ao Sol, como aponta Albuquerque Júnior (2021).

Em relação à coleção que foi desenhada pela C&A para representar Juliette, trata-se de uma produção que contou com cem peças, divididas entre roupas, sapatos e acessórios; contudo, o enfoque desta análise, é voltado para as *t-shirts*, onde uma estética árida e sertaneja predominou neste tipo de roupa. Nas camisetas, predominaram estampas de paisagens rurais, com escritos que remetiam às xilogravuras, e símbolos estereotipados para assertar um espaço, estranho à Juliette, estranho à direção criativa da coleção. Diz-se estranha, visto que Juliette, não é uma nordestina do sertão, é natural de Campina Grande, e quando partícipe do BBB, residia em João Pessoa, capital da Paraíba; logo, os sertões paraibanos, não contemplavam as suas veredas pelo Nordeste, conhecia a parte urbanizada, cidadina, e menos ruralista, passadista.

Na moda, a socióloga Diana Crane, compreende que as camisetas desempenham um papel de identificação política com determinada causa, sendo este, o primeiro item de vestuário que “ganhou” denotações de luta, de resistência, inicialmente concebidas como peças do vestuário masculino, usadas no lazer dos homens, as camisetas com mensagens, ou nas palavras de Crane, “dizeres”, esta peça carrega consigo mensagens, logo, comunica. Para Crane: “[...] a camiseta fala de assuntos ligados a ideologia, diferença e mito: política, raça, gênero e lazer” (2006, p. 349), no caso de Juliette, o trabalho em questão avança na teoria desta teórica, ao analisar a camiseta como representativa de uma identidade regional.

Logo, ao veicular mensagens com adjetivos como “arretada”, com representações de raios solares, chapéus de cangaceiro, cactos, as camisetas da C&A de Juliette, comunicam não-verbalmente, ensinam pelo olhar, apontam para um lugar. E é este lugar marcado por simbologias antigas, mas que é recorrente na contemporaneidade, como presente, que esta



análise se dedica a problematizar; é recorrente, por se tratar de um bem de consumo, que é dotado de significados, mas que é sujeito à uma lógica de mercado, onde o Nordeste é vendido por sua veia sertaneja, cangaceira e árida, são justamente estes valores, que são comercializados.

É um conjunto de ideias, de sentidos, que segundo Albuquerque Júnior (2009) apontam para o Nordeste como espaço da saudade, onde desde o início do século XX, elites da –atual - porção Nordeste do Brasil, em manter este espaço como lugar das tradições, do patriarcalismo. Se deseja preservar um tempo e um espaço em transformação constante, buscando para o Nordeste, um folclore desatualizado, num Brasil em atualização. Onde emerge assim, o cangaço sobretudo, como salvaguarda de uma identidade regional para a região, calcada nos seus sertões (figura 03).

Figura 03: A C&A de Juliette



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Para a *Vogue*, quando noticiado sobre a coleção, a paraibana contou que: “Não vou deixar de viver a minha tradição, mas posso aliar isso a algo moderno”, identifica-se deste modo, que na sua compreensão acerca do espaço de onde advém, as noções consideradas nesta



análise, como estereotipadas, são compreensões que compõem “a identidade regional”. Pode-se considerar então, que, apesar de não ter desenhado as peças da coleção, mas, ser tema e inspiração destas roupas e acessórios, que Juliette se insere no chamado “discurso da estereotipia”.

Considera-se este discurso como instituidor de realidades, pela fala, um discurso que é” [...] assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante que leva à estabilidade acrítica” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 30). É este discurso que ainda na contemporaneidade, marca o Nordeste e os seus sertões; logo, a coleção de Juliette para C&A, com base nas peças aqui analisada, é uma coleção que no seio da sua produção, carrega traços e estereótipos. Ainda que produzida para uma sociedade contemporânea, uma coleção que carrega consigo traços identitários do passado, como sinônimo e marcas de um presente, logo, que contemporaneidade – ou ausência da contemporaneidade - é presente nesta coleção, com base em signos sertanejos? Identifica-se que estes símbolos, atrasados que representam um espaço em transformação, ecoam significados no tempo em que estamparam as camisetas, logo, de nada são contemporâneos.

## SER'TÃO ENCANTADO

Júlia Nogueira, artista plástica alagoana, desenvolveu juntamente com a C&A, a coleção que intitula este momento do trabalho; a produção de moda praia, costurava junto a si, peças como calças, lenços, biquínis, e saídas de banho, em uma leitura não seca, não árida, em determinada medida, oposta à de Juliette para a C&A. Nesta produção, as cores, os símbolos e as influências, que Nogueira desenvolveu, são elementos primordiais na compreensão da contemporaneidade dos sertões propostos por ela na colaboração com a marca de roupas. Evidentemente que uma coleção de moda que foi veiculada à Juliette, teria proporções maiores em suas projeções nacionais, do que a coleção de Júlia Nogueira; não somente pelas representações de um sertão, mas por se tratar da vencedora do maior *reality show* do Brasil.

Em entrevista para o site *Eufemea*, Júlia Nogueira – ou como é conhecida no meio artístico, S.E.R.Tão -, contou que suas influências para o desenvolvimento da coleção, se basearam essencialmente em um espaço sertanejo do seu estado, Alagoas; a Ilha do Ferro, um espaço dotado de simbologias na composição visual, pelos artesanatos do espaço em questão.



A artista buscou parte de suas inspirações no cangaço nordestino, uma questão que gera problematizações nesta análise, visto que por representar os sertões alagoanos, as referências estéticas perpassam o universo do cangaço, assim como a coleção de Juliette; em contrapartida, se distancia, e em decorrência da distância visual, é considerada como contemporânea, e não estereotipada.

Portanto, pode-se considerar que a Ilha do Ferro é um espaço que assim como outros sertões, produzem imagens, sons, discursos, é um arquivo, um museu a céu aberto. Segundo Artur Lins (2021), a Ilha do Ferro, localizada no município de Pão de Açúcar, porção baixa do rio São Francisco, é conhecida pelo seu artesanato produzido pelas comunidades ribeirinhas, em um município de 500 habitantes. Este artesanato, evidencia as conexões dos interiores, logo, dos sertões, com outros espaços, sendo aqueles, espaços conectados, e não isolados.

Por esta tipologia artesanal, a predominância de objetos artísticos, segundo Lins, se manifesta entre peças de madeira: esculturas, mobiliário, com referências à fauna, flora, e seres humanos, como apelo estético destas produções. O autor destaca ainda, o papel desempenhado por artesãs, as bordadeiras que também conferem uma identidade artística para a Ilha do Ferro, logo, o tipo de bordado predominante, é o boa-noite, o qual consiste em bordados em formatos geométricos. Identifica-se assim, que o artesanato é essencial na construção identitária e espacial da Ilha, mobilizando a economia e a história da Ilha do Ferro.

Em sua coleção que teve como referência o sertão alagoano, Júlia Nogueira ao representar a Ilha, um espaço permeado por águas, banhado pelo rio São Francisco, é um sertão que traz influências aquáticas, influências presentes nas roupas estampadas por Júlia. A contemporaneidade da coleção, é concebida nesta análise, a partir de formas que remetiam a ondas, com cores vibrantes, menos telúricas, representações de peixes, onças e estrelas. Uma composição estética, que em uma primeira leitura “não corresponde às noções cristalizadas de sertão”.

Enquanto a coleção de Juliette, apresentou sol rachado, carcarás, cactos, que evocavam a um espaço seco, árido, os símbolos apresentados por Júlia, evidenciam uma *sertanidade* contemporânea e não seca, não árida; pelo site da C&A, as peças foram divididas em sequências, que respeitavam as estampas das roupas: astral, onça e *mix*. Contudo, em virtude do período que se escreve este estudo, e que a coleção foi confeccionada, no suporte em questão,



a maioria das roupas foi comercializada; assim, a artista plástica foi fundamental para a tessitura do artigo, por compartilhar parte das fotografias de moda da coleção (figuras 04 e 05).

Na leitura destas representações, se assume, que são contemporâneas, rompem com leituras assertivas, leituras fora de moda para representar espaços sertanejos; logo, são leituras de sertões contemporâneos, leituras de sertões conectados, como no caso da Ilha do Ferro, que mantinha as suas conexões com áreas para além de si, estabelecendo contatos diretos com outros espaços, através dos seus artesanatos. Diz-se que estas roupas, bem como, esta coleção se faz enquanto uma produção de moda que impera a contemporaneidade, pelas nuances que compuseram este produto de moda.

Figura 04 e 05: Ser'tão Encantado; Ser'tão C&A



Fonte: Acervo do autor, cedidas por Júlia Nogueira.

Pelas fotografias de moda acima, percebe-se uma fluidez das peças, que remetem diretamente às águas da Ilha do Ferro: através do peixe do maiô laranja, da fotografia 04, ou das ondas multicoloridas, e pela modelagem fluída do vestido em tule, da fotografia 05. Estas representações assim, concebem um novo olhar para os sertões nordestinos, sobretudo pelo



espaço de origem que serviu de inspiração: o estado de Alagoas<sup>78</sup>, em consonância, à luz da teoria de Gislene Moreira (2018), os sertões contemporâneos: “[...] interpelam, concreta e cotidianamente, os indivíduos na fronteira entre o velho e o novo semiárido a construírem novas respostas e a se reinventarem” (p. 22). Esta reinvenção assume-se pelos usos de novos signos, signos que representam um espaço sertanejo, mas que não são signos da aridez; logo, são signos que aqui se compreendem enquanto contemporâneos.

Este sertão alagoano e contemporâneo, foi apropriado também por sujeitos estrangeiros a ele, uma artista plástica que apesar de nordestina, não é sertaneja, e, de uma multinacional holandesa, que em sua sede no Brasil, busca no Brasil, essências que representem o país, com base nele e nas suas visualidades. Assim, esta contemporaneidade, pode ser percebida por elementos visuais das roupas, como nas fotografias 04 e 05, mas sobretudo pela produção de significados que estas manifestam, ao representar identidades de um povo, identidades de um lugar.

O sertão encantado assim, ao aqui se tornar contemporâneo, permite outras interpretações, de espaços que não são inóspitos, espaços que a beleza não está em paisagens duras e retorcidas marcadas por cabeças de boi, cactos. Reivindica-se assim, novas identidades, novas possibilidades de se dizer, ver e viver os sertões do Nordeste, logo, estes sertões concebidos como contemporâneos, ao destoarem dos elementos visuais já cristalizados, com novas cores, novas estampas e estéticas. Um sertão que é aquático, é banhado, é contemporâneo por não enfrentar estiagem, ou pelo menos esta, não ser responsável por inventar uma identidade espacial, populacional.

## **ALGUNS AJUSTES FINAIS**

Ainda que na contemporaneidade, recorrentemente os sertões nordestinos sejam apresentados, concebidos, imaginados e representados enquanto paisagens áridas, duras, espaços marcados por tonalidades telúricas, e signos reveladores de uma identidade formada,

---

<sup>78</sup> Para Albuquerque Júnior (2021), Alagoas não se configura como um dos primeiros estados que, no imaginário nacional se evoca quando se pensa sobre o Nordeste, em contrapartida, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, são os estados nordestinos que em tese mais evocam uma nordestinidade, fora do Nordeste. Mais especificamente, o Ceará, em virtude da sua produção cultural acerca do Nordeste, desde o século XIX, com uma gramática da seca, da miséria, é o estado que congrega uma maior nordestinidade, com base em referenciais sertanejos.



imersa em uma sociedade em transformação, com identidades que também reivindicam novas estéticas, reivindicam novos sertões, estes espaços estão em constante transformação. Logo, pensar em sertões implica, hoje, concebê-los em um compasso temporal, com o contemporâneo, em um exercício de aproximação e distanciamento, demarcando a contemporaneidade como aponta Giorgio Agamben.

Neste sentido, a compreensão principal deste trabalho, se baseou na elucidação dos sertões nordestinos como espaços em transformação constante, espaços integrados, conectados, espaços sobretudo, vivo; assim:

Nesses novos sertões, tradição e modernidade estão se fundindo em uma mutante e acelerada colcha de retalhos. A suspeita é de que essas novas configurações sejam sintomas de uma crise ainda mais profunda, que questiona um modelo de vida que já não existe mais (MOREIRA, 2018, p. 26).

Por crise, aqui se compreende os processos de integração dos interiores do Nordeste com os territórios, em virtude da constante globalização, dos avanços tecnológicos proporcionados pela internet e as conexões de espaços distantes entre si. Assim, por conexões dos sertões nordestinos, se elencou o sistema da moda, e a moda brasileira como meios de conexão - e apropriação destes espaços - para representar o Brasil, pelo próprio Brasil.

Através das coleções, se identificou os esforços e os mecanismos de apropriação e reprodução, para a manutenção e subversão de padrões estéticos e visuais para apresentar espaços marcados pela sua estética muito própria, que representa – ou em tese, deveria representar – os indivíduos que dele fazem parte. Assim, por uma estética árida, sertaneja e cangaceira, ou banhada por águas, com peixes, ondas e profusão de cores, os sertões nordestinos estiveram pulverizados na loja de departamentos, C&A, marcando a sua onipresença na cultura brasileira.

Entretanto, as constantes apropriações dos sertões por estas produções de moda, apresentaram que os olhares para representar estes espaços, são ainda na contemporaneidade, olhares assertivos, marcados por uma tipologia estética específica, portanto, são instrumentos culturais diretos que significam, e são dotados de significados, que correspondem a estes espaços. São olhares que produzem discursos, instituem formas de ver as regiões sertanejas, visto que se tratou de coleções com alcance nacional.



Entre as produções, *A C&A de Juliette*, por exemplo, foi compreendida aqui à luz dos estereótipos que foram reforçados, ao representarem uma – atualmente – cantora, com fontes de letras que rememoram os cordéis, dizeres que mantêm as concepções cristalizadas dos sertões nordestinos, com elementos de violência e virilidade, entre cenários da caatinga. Representações, retalhos, molambos, de um espaço oposto ao de quem foi apropriado por uma marca que o principal objetivo ao apresentar publicamente os sertões, era vender; para a comercialização das peças, comercializava-se também os sentidos e os significados acerca deste espaço, logo, sendo a moda um sistema que impera o novo, as novidades ao retratarem Juliette, em poucos momentos foi evocada, visto que, as imagens representativas, são as que neste estudo, são consideradas como estereótipos.

Em relação à *Ser'tão Encantado* se considerou que as imagens veiculadas na coleção, são disruptivas e subversivas de padrões vigentes e dominantes para marcar o que seria o espaço sertanejo de Alagoas. Confeccionada com estampas aquáticas, que rememoravam outros espaços - visto que no imaginário nacional, quando se pensa em sertões, as referências visuais, são de espaços secos, sem vida -, as artes de Júlia para a C&A, eram carregadas de cor, e vida, evidenciando fortemente as suas identidades artísticas. Contudo, assim como a coleção de Juliette, esta produção foi marcada por olhares outros, leituras estrangeiras, de agentes culturais, de poder que se apropriam de um espaço e de suas múltiplas estéticas, aplicando as suas representações acerca deste, na coleção em questão.

A contemporaneidade por sua vez, foco deste estudo, foi apropriada como análise das produções, entendo esta temporalidade como possibilidade de problematizações acerca das produções em questão. Por meio da moda, sistema do contemporâneo, identificou-se que os sertões já desfilados em passarelas nacionais, mas que a contemporaneidade expressa nas coleções, não seguia o ritmo que os espaços sertanejos, seus sujeitos e particularidades, demandavam ao longo do tempo. Logo, se reivindica a contemporaneidade dos sertões, sua pluralidade e onipresença, chamando a atenção para produções culturais, que se inspiram e apropriam destes territórios nas suas composições imagéticas. Assim, que questões e que contemporaneidade querem ver e querem que se façam vistas, pelos sertões, pelo Nordeste, pela moda, pelo Brasil?



## REFERÊNCIAS:

- AGAMBEN. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Argos Editora, 2009.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. Distante e/ou do Instante: “sertões contemporâneos”, as antinomias de um enunciado. In: FREIRE, Alberto (Org.). *Culturas dos Sertões*. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 41-57.
- \_\_\_\_\_. O Rapto do Sertão: a Captura do Conceito de Sertão pelo Discurso Regionalista Nordestino. *Revista Observatório*, São Paulo, v. 25, 2019.
- \_\_\_\_\_. Juliette ressuscita Mané Xiquexique, personagem criado por um cearense contra Jeca Tatu. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/durval-muniz-de-albuquerque-jr/juliette-ressuscita-mane-xiquexique-1.3084246>. Acesso em: 01 dez. 23.
- \_\_\_\_\_. O Ceará é onde o Nordeste é mais nordestino: Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/durval-muniz-de-albuquerque-jr/o-ceara-e-onde-o-nordeste-e-mais-nordestino-1.3103280>. Acesso em: 01 dez. 23.
- AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV; Ed. FGV, v. 8, n. 15, p. 145-152, jan./jul. 1995.
- BONADIO, Maria Claudia. *O fio sintético é um show! moda, política e publicidade (Rhodia S.A 1960-1970)*. Tese (Doutorado em História) –Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Senac, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre moda, arte e globalização*. Tradução de Camila Fialho. Organização de Maria Lúcia Bueno. São Paulo: Senac, 2011.
- FRANÇA, Raíssa. *Em parceria com a C&A, alagoana cria coleção de roupas inspirada na cultura nordestina*. 2022. Disponível em: <https://www.eufemea.com/2022/09/em-parceria-com-a-ca-alagoana-cria-colecao-de-roupas-inspirada-na-cultura-nordestina/>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- LINS, Artur André. *Artesanato e capitalismo: o caso da ilha do ferro (alagoas)*. 2021. 321 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.
- NEIRA, Luz Garcia. A invenção da moda brasileira. *Caligrama – Revista de estudos e pesquisas em linguagem e mídia*. São Paulo, vol. 4, no 1, jan/abr. 2008.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.